

Aos familiares, mães e pais, alunas queridas, alunos queridos, colegas de profissão, amigas e amigos do IC, e principalmente, formandas e formandos, eu desejo que essa noite seja inesquecível.

Começo manifestando a minha imensa felicidade em estar aqui hoje, participando da formatura das 3 alunas e dos 17 alunos do primeiro semestre de 2018 do Curso de Bacharelado em Sistemas de Informação da UFF.

Cada turma que se forma é uma alegria. É sempre o resultado de uma convivência de no mínimo 4 anos, compartilhando desejos e impedimentos, momentos emocionantes em sala de aula, e também frustrações. Essa turma, em particular me emociona porque eu convivi com todos, ou quase todos. Como bolsistas, ou como alunos de TCC, ou em bancas em que participei, ou como alunos nas disciplinas que dei, os formandos e formandas que estão aqui fazem parte da minha vida. Eu recebi a honra de ser patronesse dessa turma e agradeço emocionada.

Vamos relembrar o nosso ponto de partida, a criação do curso de SI da UFF.

Esse curso nasceu da percepção de um grupo de alunos e professores de que havia uma demanda por uma formação em computação com um olhar dedicado à profissão e à sociedade. A partir de 2008 começamos um processo de criação do novo curso com dois compromissos, um deles era atender aos critérios de qualidade da formação, acenados pela Sociedade Brasileira de Computação e outras entidades reguladoras. O outro era atender à demanda:

- . a vontade dos alunos de dialogar mais proximamente com a profissão,**
- . a existência de um grande contingente já no mercado de trabalho necessitando formação adequada,**
- . a impossibilidade do curso existente no IC de acolher alunos com um perfil social diferenciado. Essa impossibilidade se dava pelo fato do curso ser diurno.**

Está claro aqui que o atendimento a esta demanda exigiria da comunidade do IC uma mudança radical de atitude. Por isso, a implantação do curso enfrentou resistências de todos os tipos.

Mas 2008 foi um ano de grandes propostas no contexto social e algumas delas nos afetaram muito diretamente. Foi o ano da instalação na UFF do Programa de

Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, o REUNI, do governo LULA, Ministro da Educação Fernando Haddad. O objetivo era ampliar o acesso e a permanência na educação superior. Dentre as propostas: o aumento de vagas nos cursos de graduação, a ampliação da oferta de cursos noturnos, a promoção de inovações pedagógicas e o combate à evasão, entre outras metas com o propósito de diminuir as desigualdades sociais no país.

Do casamento entre as demandas locais e o REUNI surgiu uma proposta curricular altamente comprometida com as questões sociais, o que nos colocou no papel de desfazer uma série de tabus. Hoje afirmamos:

1º Que curso noturno NÃO significa curso de baixa qualidade.

Ao contrário disso, o curso noturno exige que o professor se utilize de estratégias inovadoras, que mantenha o aluno sempre em atividade. É preciso abrir espaço pra que o aluno possa trazer para a sala de aula a experiência do trabalho. Isto dinamiza, oxigena, incentiva a invenção de formas de ensinar que não sejam tão somente a leitura de slides projetados e a avaliação por provas. Isto eleva a qualidade da formação do corpo discente e docente.

2º Que aproximação com a sociedade NÃO significa uma opção pelo mais fácil.

Não se trata de trocar a física pela psicologia, as exatas pelas humanas. Trata-se de um enfoque de múltiplas competências, o que significa reconhecer a profissão de forma ampla, elaborando o conjunto de habilidades que o profissional precisa ter para que possa lidar com a diversidade de situações que a profissão exige. Isto não é um afastamento das ciências exatas, não é um abrandamento das disciplinas de programação e matemáticas. É a criação de um diálogo entre saberes múltiplos, uma proposta que está hoje materializada no documento dos referenciais da profissão que foi lançado pela Sociedade Brasileira de Computação agora em 2017.

Hoje, já está claro para aqueles que atuam na área de Sistemas de Informação que Tecnologia e Sociedade não se separam. Se você quer compreender uma tecnologia, quer saber porque certas tecnologias são efetivadas e crescem, enquanto que outras declinam e somem, quer compreender a resistência na aceitação de certas tecnologias, quer ser capaz de vislumbrar possíveis espaços de produção de novas tecnologias, então você tem que olhar para a sociedade. Assim, responsabilidade social, tecnologia socialmente comprometida, preocupação com

meio ambiente, respeito às trajetórias da vida local, respeito às diferenças em todos os sentidos, são parâmetros determinantes na formação de um profissional em Sistemas de Informação.

3º Que o enfoque na profissão NÃO significa o afastamento da pesquisa acadêmica.

É o contrário disso. É uma aproximação com a pesquisa socialmente comprometida. É uma pesquisa que exige um acompanhamento e diálogo constante com o mercado de trabalho, com empresas, com organizações, com políticas públicas, educação, saúde, meio ambiente, e o envolvimento em projetos sociais, dentre outras possibilidades.

Em 2011, foi aberta a nossa primeira turma. Luiz Valter, nosso primeiro coordenador trabalhou duro para efetivar a instalação desse curso. Aquele primeiro currículo, que vocês chegaram a cursar, se afastava demasiadamente destas propostas originais por conta das muitas negociações que foram necessárias para garantir a instalação do curso. Nosso segundo coordenador, o Léo, com muita competência, carinho e dedicação, deu prosseguimento ao trabalho do Luiz Valter, criando uma infraestrutura de sistemas de informação, e também de políticas, já visando aproximar o currículo em direção a uma maior aderência ao campo de SI e às demandas iniciais.

Mas se o curso da UFF é recente, que dirá a profissão! O Brasil começou a formar um corpo de profissionais em computação na década de 1970, naquela época, sob a identificação de “Processamento de dados”.

Por várias décadas a formação superior neste campo foi suprida por egressos da Ciência da Computação. Mas a relevância de uma formação que abrangesse o diálogo com a sociedade fez emergir uma proposta interdisciplinar, a que a Sociedade Brasileira de Computação se refere como “cursos que têm a computação como meio”. Os cursos superiores em Sistemas de Informação nas universidades públicas começaram a surgir somente no final da década de 1990.

Esse pequeno tempo de maturidade não foi ainda suficiente para criar um consenso sobre a identidade do campo. Atualmente estamos no processo de construção dessa identidade, que varia entre enfoques mais atrelados à área de negócios, ou à administração, ou a aderência à ciência da computação, ou o enfoque sociotécnico, como o nosso.

Então, diante de tanta instabilidade, e agora, ingressando ou reingressando no mercado de trabalho, quem é esse formando? O que a sociedade espera desse formando? E por outro lado, qual é a expectativa desse formando com relação a sua própria atuação profissional?

Se antes pensávamos que um profissional em Sistemas de Informação deveria essencialmente dominar a arte da programação, hoje já está claro que a profissão envolve fazeres criativos e dinâmicos ao longo de todo o processo. Nesse processo, a programação é parte, não é o todo.

Se antes achávamos um profissional em Sistemas de Informação deveria essencialmente dominar a tecnologia, hoje já está claro que a profissão se estabelece no encontro entre as tecnologias com os coletivos. Assim, é grande o conjunto de habilidades e competências a que esse profissional deve atender, bem como são enormes as suas possibilidades de escolha na profissão.

Aqui na UFF progredimos muito no sentido de ampliar o leque de habilidades e competências no currículo, mas nos falta ainda um longo percurso no sentido de ampliar as possibilidades de escolha do aluno em sua própria formação. Lembrando sempre que *escolha* pressupõe *responsabilidade*. Se a gente priva o aluno do exercício da escolha a gente retira dele também o exercício da responsabilidade, e daí vem a necessidade de vigiar: criar esquemas pra garantir que não há cola, criar estratégias para garantir que não há trapaça, verificar se ele de fato cumpre com suas responsabilidades, como se não houvesse nele o compromisso com a qualidade de sua própria formação. O exercício consciente e responsável da profissão inicia na própria formação. Nós acreditamos nisso e trabalhamos nesse sentido. Precisamos considerar, *na formação*, as dinâmicas que consideramos importantes *na profissão*. Quando isso não acontece, o aluno tem a sensação de despreparo, parece que ele muda de mundo quando sai da universidade e vai pro trabalho. Por isso, a presença do aluno que trabalha é fundamental no sentido de diminuir essa distância.

Nós atuamos em um campo de fluxo, dinâmica e inovações. O que se espera deste formando é que saiba agir no fluxo, na dinâmica e nas inovações, o que não se combina com maneiras arcaicas de trabalhar, modos formatados de pensamento. O aluno que se forma em SI na UFF vive as contradições desse momento de transição de um sistema fechado de ensino para um sistema que possa acompanhar as mudanças sociais. Ele reclama, exige, reivindica, e organiza. Cria modos coletivos

de convivência: temos atlética, DA, empresa júnior, grupo de meninas. Todas essas formas de organização são importantes porque ali se forma uma identidade coletiva.

Formandas e formandos, não percam de vista o coletivo. Você não trabalha sozinho, trabalha *com* a sociedade. Atenção, não é *para* a sociedade. Quem acha que trabalha *para* a sociedade se coloca na posição de quem domina o saber. É como se você dissesse pro seu usuário:

“Eu, que domino as técnicas, venho aqui agora lhe mostrar as ferramentas que você deve usar pra definir e manipular as suas próprias entidades no seu próprio campo”.

Essa é uma atitude autoritária porque estabelece uma hierarquia entre você e o usuário. Você faz sistemas com o usuário e não para o usuário. Você e o usuário precisam se colocar em diálogo permanente pra que as informações relevantes na construção do sistema circulem entre vocês. Por isso a comunicação precisa ser horizontal, sem hierarquias.

A vocês, formandas e formandos, que estiveram conosco durante todos esses anos, eu agradeço o privilégio de conviver com vocês, de aprender com vocês. Muito obrigada por construirem conosco esse caminho. E não sumam! Nós precisamos de vocês dentro das salas de aula, nas nossas rodas de conversa. Voltem pra nos dizer o que precisa ser ajustado, as dificuldades, os equívocos e os sucessos da formação.

As avaliações oficiais pelo ENADE ou MEC já mostram que a nossa formação alcança os critérios máximos de qualidade. Mais do que isso, o posicionamento dos nossos egressos no mercado de trabalho e nos programas de pós-graduação servem de marco para atestar a competência dessa formação. Vocês são muito competentes!

Pra nós, que ficamos aqui, ainda há muito o que fazer. Precisamos de um mestrado em SI pra possibilitar uma formação continuada a nossos egressos. Esse mestrado precisa ser sociotécnico, porque a responsabilidade social é relevante. E noturno, porque o trabalho é fundamental. Além do mestrado, precisamos de um Departamento de SI, que funcione à noite e que seja capaz de compreender as nossas especificidades.

Agora e sempre, portas abertas pra vocês. E comigo fica a certeza do sucesso em cada formanda e formando. Sucesso significa a construção de uma sociedade melhor pra você e pra todos nós.

Muito obrigada a todas e a todos!